

**FICHAMENTO 1**

 **TEXTO DE ANTÔNIO CANDIDO- O DIREITO À LITERATURA**

 Tuania Martins Nunes

“[...]a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”
– Antonio Candido, do ensaio “O direito à literatura”, no livro “Vários escritos”. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

[Esta primeira citação de Antônio Candido no texto, afirma que a literatura tem sido e ainda é um instrumento poderoso de instrução e educação. Candido quer dizer ela é intelectual e afetiva, tendo valores que a sociedade precisa, e considera prejudicais em diversas manifestações da ficção. Fica claro nessa citação, que Antônio Candido defende que a literatura é um direito básico de todo ser humano...]

“[...]No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida freqüentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.”

[O autor quer fazer uma comparação entre a miséria do Brasil e o direito à literatura. Nesse parágrafo ele compara a miséria do país com a irracionalidade dele. Ele quer dizer, que quanto mais cresce a riqueza de um país, mais se tem miséria. Não só miséria de fome, mas sim de leitura. Os mesmos meios que permitem um crescimento, pode sim provocar uma tragédia maior, comparando à literatura no Brasil hoje. Ela precisa ser um direito de todos os Brasileiros, porém não é aplicado na prática...]

“[...]Ora, na Grécia antiga, por exemplo, teria sido impossível pensar numa distribuição eqüitativa dos bens materiais, porque a técnica ainda não permitia superar as formas brutais de exploração do homem, nem criar abundância para todos. ”

[Aqui o autor traz o que acontecia no Grécia antiga, dizendo que era impossível distribuir alguma coisa para o povo sem ter o aporte que se necessita. O homem era exploração, ele não criava aquilo que ele não tinha quantidade suficiente para dar ao seu povo...]

“[...]Mas em nosso tempo é possível pensar nisso, e no entanto pensamos relativamente pouco. Essa insensibilidade nega uma das linhas mais promissoras da história do homem ocidental, aquela que se nutriu das ideias amadurecidas no correr dos séculos XVIII e XIX, gerando o liberalismo e tendo no socialismo a sua manifestação mais coerente.”

[Claro que é possível pensarmos nisso, porém, é difícil colocar em prática o direito à literatura em um país que vive uma decadência social gigantesca. A realidade Brasileira é bem diferente, não há buscas para que as realidades das classes baixas mudem, ainda mais na questão da leitura. Não há uma política que dê direito a pessoa de classe média baixa ter acesso todos tipos de leitura, por exemplo. Por mais que se diga que o Brasil é liberalista e socialista, está muito longe disse ser verdade...]

“[...]No entanto, mesmo onde estes obstáculos foram removidos, a barbárie continuou impávida entre os homens. Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. ”

[Discordo que foram removidos alguns obstáculos para se garantir algum direito, principalmente na literatura. Podemos comparar com o governo atual que fala com tanto ódio e raiva sobre questões da educação, que são importantes e necessárias a serem discutidas. Sempre soubemos que vivíamos em uma época de profunda barbaria, mesmo que tenha civilização, essa barbaria vai continuar e ser pior para todos. Daqui uns 10 anos, vamos enxergar realmente o que está se acontecendo, ver realmente a estupidez que estão o direito a nossa leitura, o conhecimento de mundo e principalmente, aquele conhecimento que possamos ser liberalistas e socialistas em um país chamado, Brasil...]

“[...]Se as possibilidades existem, a luta ganha maior cabimento e se torna mais esperançosa, apesar de tudo o que o nosso tempo apresenta de negativo. Quem acredita nos direitos humanos procura transformar a possibilidade teórica em realidade, empenhando-se em fazer coincidir uma com a outra”

[Sempre vai existir possibilidades, sempre devemos lutar por aquilo que acreditamos ou que possa fazer melhorar como pessoa. Porém, precisamos de um bom governo, que apresente ideias positivas, com direitos humanos para todos e que se alguma forma, tenha a ver com a realidade do país que vivemos. O direito transforma, faz com que possamos mudar a realidade...]

“[...]No mesmo sentido eu interpretaria certas mudanças no comportamento quotidiano e na fraseologia das classes dominantes. Hoje não se afirmar com a mesma tranqüilidade do meu tempo de menino que haver pobres é a vontade de Deus, que eles não têm as mesmas necessidades dos abastados, que os empregados domésticos não precisam descansar, que só morre de fome quem for vadio –, e coisas assim. Existe em relação ao pobre uma nova atitude, que vai do sentimento de culpa até o medo. Nas caricaturas dos jornais e das revistas, o esfarrapado e o negro não são mais tema predileto das piadas, porque a sociedade sentiu que eles podem ser um fator de rompimento de estado de coisas, e o temor é um dos caminhos para a compreensão.

[Esse parágrafo tenta explicar o que o autor tanto quer dizer, o direito à literatura. Ele diz que as classes dominantes mudaram em seu comportamento. Hoje não se pode dizer que um pobre vai morrer de fome, fazer piadas com os negros, fazerem os empregados domésticos se sentirem acuado e etc. Ele quer dizer que mesmos os mias inferiores, eles têm direitos. A sociedade mudou, sentiu que precisava mudar para compreender o que estavam a sua volta. Claro que ainda se tem esse tipo de coisa, porém o direito, fez com que a sociedade mudasse seu comportamento. Por isso ,Antônio Candido defende tanto o direito a literatura. Só os livros, as histórias, o saber pode salvar uma nação...]

“[...]Todos eles, a começar pelo Presidente da República, fazem afirmações que até pouco seriam consideradas subversivas e hoje fazem parte do palavreado bem-pensante. Por exemplo, que não é mais possível tolerar as grandes diferenças econômicas, sendo necessário promover uma distribuição eqüitativa.”

[Antônio Candido escreveu sobre o direito à literatura em 1995, mas podemos fazer um recorte com a situação atual do Brasil. O governo diz até hoje que não é mais possível tolerar as grandes diferenças em diversas classes econômicas, porém faz completamente diferente querendo tirar direitos da educação, previdência e entre outros direitos básicos do povo Brasileiro...]

“[...]Por quê? Porque pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e auto-educação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo.

 [Os direitos humanos para o povo é um assunto muito egoísta. Como o próprio autor diz, é tendência achar que os nossos direitos são mais urgentes que o do próximo. A literatura traz essa questão do que é indispensável para mim, e o que é para o próximo. Esse talvez seja um do problema para que possamos ter o direito de fazer o que quiser, inclusive na literatura. É direito de ler, de aprender o que quiser independente da minha classe social? Eu terei o mesmo direito de ter vários livros só porque tenho condições de comprar do que o meu colega de classe média baixa, o filho do motorista ou da diarista não tem? Essas questões fazem com que pensamos na sociedade em que vivemos. Se tivermos o pensamento egoísta de ser melhor que o outro, mais rico e não ajudar, sempre vamos colocar o nosso direito em primeiro lugar. É uma situação difícil de mudar em casa pessoa, porém, podemos usar a literatura para isso. Ela pode transformar o mundo através de leituras, com livros que falem sobre isso. Não é fácil abrir a cabeça do próximo, mostrar para ele que os direitos humanos são para todos. É uma tarefa complicada, que requer consciência social e literária de casa indivíduo...]

**FICHAMENTO 2**

 **LER NA ESCOLA: OS “LIVROS DE LEITURA” DE TERESA COLOMER**

 **Tuania Martins Nunes**

“[...]Durante séculos a literatura exerceu a literatura um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas e , desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade.” (p.15)

[Este primeiro parágrafo, começa contando o que aconteceu durante séculos na literatura, que ela era uma literatura de eixo vertebral do ensino linguístico, formação moral e tinha uma consciência com raízes clássicas do grego latino, de acordo com cada nacionalidade..]

“[..]Que a literatura tivesse representado todas essas funções não significa, no entanto, que os alunos tenham se dedicado a ler obras literárias nas aulas, e nem que a literatura lida fosse adequada à sua capacidade e interesse. ”(p.15)

[Mesmo com todos os significados que a literatura traz há séculos, isso não significa que a escola e o professor não possam abordar certas obras literárias em sala de aula. Não é só do interesse do professor e da escola que serve a literatura. Ela serve para todos, de variados assuntos e quando mais complexa a leitura, mais interessante ficará para o aluno...]

“[...] Em relação à etapa secundária, o modelo secular de ensino literário foi o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos. Desenvolvia-se através do eixo da retórica e se baseava na leitura dos autores gregos e latinos em sua língua original. Tratava-se de agrupar as referências culturais, estudar os recursos expressivos utilizados nessas obras e tomar as citações de autoridade ou os exemplos adequados para incluí-los na construção do próprio discurso” (p.17)

[O modelo de ensino literário hoje, não é o mesmo de séculos atrás. Podemos perceber um retrocesso no aprendizado da disciplina de literatura. Hoje muitos dos professores não usam a literatura como forma para desenvolver uma boa retórica, com diversos textos e gêneros. O que predomina nas escolas, é o ensino da gramática padrão, a normativa. Podemos considerar esse retrocesso pelo simples fato do preconceito linguístico e social que se tem por parte dos alunos e da sociedade. Prezam muito mais a língua padrão normativa do que a literatura em sala de aula, e muito pouco se faz para reverter esse assunto...]

“[...] Da perspectiva dos alunos, a leitura literária não teve uma presença consistente na percepção das atividades escolares, a julgar por diferentes rastros da memória social perpetuada através de tempos.”(p.17)

[ Os alunos não tem a verdadeira percepção de como gostar da literatura em sala de aula. É uma questão social, que ainda hoje, perpetua por milhares de escola de todo o Brasil. Os alunos reclamam que ler é chato, perca de tempo e entediante. Isso não muda pelo fato de não mudar o jeito de mostrar as diversas atividades que se pode trabalhar com as diversas obras da literatura. É uma realidade difícil de se mudar, porém, preciso...]

“[...] Devido a estas mudanças, o sistema literário como tal teve que posicionar seu espaço e sua função social em relação aos novos sistemas culturais e artísticos. Não é, portanto, estranho que o ensino de literatura ficasse profundamente afetado pelo fato de que as ideias sociais a respeito de sua função e aos hábitos de consumo cultural. ”(p.21)

[ Podemos perceber, que ao longo dos anos esse sistema mudou mesmo. O ensino ficou afetado pelas classes sociais, que mudou profundamente pelos seus hábitos culturais. Um aluno de renda baixa, que não tem acesso a livros, é afetado pelo simples fato de não ter condições que um aluno de classe média baixa, por exemplo. As relações artísticas e culturais deles, são completamente diferentes pelo fato de o aluno de renda baixa não poder frequentar ou ter acesso um livro, por questão de dinheiro. É difícil hoje no Brasil se comprar vários livros, de autores diferentes. A escola pública deveria ter esse papel, de dar assistência pelo menos em sala de aula. E vemos, que a realidade é outra, e por isso as mudanças no sistema literário aconteceu e ainda acontece...]

“[...] Por um lado progrediu a reflexão sobre o que é literatura e o que significa saber literatura: por outro lado, mudou a concepção sobre o que são os processos de ensinar e aprender. ”(p.24)

[ Na minha opinião, hoje esse processo de reflexão é muito lento. Os alunos não sabem o que significa literatura, não sabem diferenciar os vários tipos de textos que existem e ainda mais os processos de ensinar e aprender com a literatura. Um dos fatores para esse processo de reflexão não continuar, é a gramática normativa ser a disciplina mais trabalhada em sala de aula. Não dando chances de a literatura abrir outros caminhos, como ensinar os vários processos de escritas, por exemplo...]

“[...] O que importa é que as vidas não servem como modelos. Só as histórias servem. E é duro construir histórias nas quais viver. Só podemos viver nas histórias que lemos ou ouvimos. Vivemos nossas próprias vidas através de textos. Podem ser textos lidos, contados, experimentados eletronicamente, ou podem chegar até nós, como os murmúrios da nossa mãe, dizendo-nos que as convenções exigem. Qualquer que seja sua forma ou meio pelo qual nós cheguem, essas histórias nos formam a todos nós: e são as que devemos usar para produzir novas ficções, novas narrativas.”(p.28)

[ Esse parágrafo é o que Heillbrun expressa sobre a literatura. Como ela é importante para nós, como ela tem histórias. Ele diz que só podemos viver nas histórias que lemos e ouvimos, como os textos são importantes para criarmos a própria história das nossas vidas, e que devemos ler cada vez mais para criarmos e produzirmos para vez mais ficções e novas narrativas.

“[...]O objetivo de ensinar literatura na escola se percebe mais tarde com as consequências que essa aprendizagem deve ter para os cidadãos uma vez abandonadas as aulas. A escolarização da população e a sua extensão à etapa adolescente fez pensar que se poderiam ampliar as condutas culturais dos setores cultos minoritários aos demais da sociedade.”(p.45)

“[...] O debate social afeta em cheio a escola, a quem se pedem contas de sua responsabilidade no fracasso da formação de leitores.”(p.46)